

Revista
Brasileira de
**Linguística
Antropológica**

Volume 17 – 2025



UnB



e-ISSN: 2317-1375

Universidade de Brasília

Reitora

Rozana Reigota Naves

Vice-Reitor

Márcio Muniz de Farias

Decana de Pesquisa e Inovação

Renata Aquino

Diretora do Instituto de Letras

Gladys Quevedo Camargo

Vice-Diretora do Instituto de Letras

Flávia de Oliveira Maia Pires

Diretora do Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI)

Ana Suelly Arruda Câmara Cabral

R454 Revista Brasileira de Linguística Antropológica / Ana Suelly Arruda Câmara Cabral, Editora – v. 17 (2025) – Brasília, DF: Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas, Instituto de Letras, Universidade de Brasília, 2025.

Anual

e-ISSN: 2317-1375

Publicação *on-line*: <https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

1. Linguística antropológica. 2. Línguas e culturas indígenas – Américas. 3. Linguística histórica. 4. Tipologia linguística. I. Cabral, Ana Suelly Arruda Câmara.

CDU 81'27

<https://periodicos.unb.br/index.php/ling/>

Laboratório de Línguas e Literaturas Indígenas (LALLI/IL-UnB)
Endereço: ICC Sul, sala BSS-234, Campus Universitário Darcy Ribeiro
CEP 70900-900, Brasília-DF, Brasil

Nixpu Pima: uma prática cultural do povo Huni Kuĩ

Nixpu Pima: Rites of Passage and cultural continuity in
Huni Kuĩ society

Vera da Silva Sinha¹

ORCID: 0000-0002-8856-2766

Joaquim Paulo de Lima Kaxinawa²

ORCID: 0000-0001-9968-784X

Napoleão Bardalis Kaxinawa³

ORCID: 0009-0005-6227-7958

Francisco Bardalis Kaxinawa⁴

ORCID: 0009-0004-4280-0812

DOI: <https://doi.org/10.26512/rbla.v17i1.60998>

Recebido em setembro/2025 e aceito em dezembro/2025.

Resumo

Este texto apresenta uma descrição inédita do *Nixpu Pima*, prática cultural central do povo Huni Kuĩ. Essa prática cultural marca a transição das crianças para a vida adulta por meio de etapas simbólicas, como a confecção de bancos cerimoniais, pinturas corporais e dos dentes, cantos, danças, isolamento e purificação. Essa prática simboliza crescimento, fortalecimento e preparação espiritual, física e social das crianças para a vida adulta. Além de transmitir saberes tradicionais, reforça os laços familiares e a conexão com a floresta. Pela primeira vez, o evento é descrito com esse nível de detalhe por integrantes nativos e em colaboração com a primeira autora, garantindo autenticidade e respeito à perspectiva cultural dos Huni Kuĩ. Essa descrição reforça a relevância do *Nixpu Pima* como um ato de resistência e preservação, assegurando a continuidade das tradições e evidenciando a riqueza da cultura Huni Kuĩ no contexto contemporâneo.

Palavras-chave: Identidade cultural; prática cultural; documentação cultural; Huni Kuĩ.

¹ Professora Colaboradora no Programa de Pós-graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Escolar, Instituto de Psicologia UnB e Pós-doutoranda na Universidade de Bergen e a Universidade de Oxford. Editora Chefe: *International Journal of Language and Culture*, publicado por John Benjamins Publishing Company. E-mail: vera.sinha@gmail.com

² Professor de língua Hãtxa Kuĩ (SEE) e Secretário da Federação do Povo Huni Kuĩ (FEPHAC). Email: joaquimmana@yahoo.com.br

³ Professor de Etnomatemática Huni Kuĩ.

⁴ Professor, Rauya (Pajé) e Agente de Saúde Huni kuĩ.

Abstract

This article presents an unique description of Nixpu Pima, a key cultural practice of the Huni Kuĩ people. This ritual marks the transition of children into adulthood through symbolic stages, such as the creation of ceremonial benches, body and teeth painting, chants, dances, isolation, and purification. This practice symbolizes growth, strengthening, and the spiritual, physical, and social preparation of children for adulthood. In addition to transmitting traditional knowledge, it reinforces family bonds and the connection with the environment. For the first time, this event is described in detail by native authors in collaboration with the first author, ensuring authenticity and respect for the Huni Kuĩ cultural perspective. This description highlights the relevance of Nixpu Pima as an act of resistance and preservation, ensuring the continuity of traditions and presenting the richness of Huni Kuĩ culture in the contemporary context.

Keywords: Cultural identity, Cultural practice, Cultural documentation, Huni Kuĩ.

Introdução

Os Huni Kuĩ, também conhecidos como Kaxinawá, são um povo indígena que habita principalmente a região amazônica, nas fronteiras entre o Brasil e o Peru. No Brasil, estão concentrados no estado do Acre. O termo Huni Kuĩ significa '*gente verdadeira*' ou '*nós mesmos*', em sua língua própria, a língua *Hatxa Kuĩ*.

Hatxa Kuĩ é o nome da língua oral, pertencente à família Kuĩ, também conhecida como família linguística Pano. Ser Huni Kuĩ, que fala a língua *Hatxa Kuĩ* e pertencer à família Kuĩ é uma autodenominação que reflete sua concepção de identidade conectada à tradição, à espiritualidade e à relação harmoniosa com a natureza. Sua organização social e cultural é pautada em normas e regras normatizadas em práticas de cantos, danças e práticas tradicionais que asseguram a continuidade de sua cultura e identidade. Há registros de que existem mais de 100 escolas e 165 professores Huni Kuĩ no Acre, responsáveis por transmitir a língua *hãtxa kuĩ* e práticas culturais aos mais jovens. O processo de ensino e aprendizado na sociedade Huni Kuĩ é intrinsecamente coletivo, ocorrendo principalmente no âmbito doméstico e por meio de festividades. O aprendizado envolve desde crianças a adultos e os conhecimentos especializados, como o uso de plantas medicinais, são repassados pelos sábios a discípulos selecionados (Kaxinawa, 2014).

O povo Huni Kuĩ é conhecido pela rica organização social e cultural, sustentada por uma forte inter-relação entre clãs, conhecimento tradicional e rituais. Localizados principalmente no estado do Acre, no Brasil, e no sudeste do Peru, os Huni Kuĩ possuem uma estrutura comunitária centrada em aldeias e famílias extensas, que mantêm suas práticas culturais e saberes ancestrais ao longo dessas regiões, onde não existem barreiras identitárias.

A sociedade Huni Kuĩ é organizada em clãs, com divisões específicas, como os grupos *Rua* (homens da onça vermelha), *Banu* (mulheres da onça vermelha), *Inu* (homens da onça pintada) e *Inani* (mulheres da onça pintada). As regras de casamento seguem uma lógica de exogamia, permitindo apenas uniões entre membros de clãs diferentes, como *Inu* com *Banu* e *Rua* com *Inani*. Essa prática é essencial para preservar a harmonia social de todo o povo.

Os nomes próprios também seguem um sistema de herança onomástica, refletindo as linhagens materna e paterna. O primogênito, por exemplo, recebe o nome do avô paterno, enquanto a filha mais velha é nomeada em homenagem à avó materna. Esse sistema reforça os laços familiares e assegura a continuidade das tradições.

A sociedade Huni Kuĩ reflete uma rica interação entre tradição e adaptação, mantendo valores coletivos e uma visão integrada da vida social, que promove a resiliência diante das mudanças históricas. Por isso, as práticas de passagens de crianças para adultos são eventos cerimoniais que marcam a transição de um indivíduo de uma fase da vida para outra; tais práticas podem ser encontradas em diversas culturas dos povos originários. As práticas desse tipo têm organizações próprias e podem ser interpretadas como separação (quando o indivíduo é afastado de seu estado anterior), margem (um período de transição) e agregação (integração no novo estado). No caso do *Nixpu Pima*, descreveremos aqui cada processo, proporcionando uma visão detalhada de momentos que não apenas organizam a vida social, mas também reforçam valores culturais, fortalecem identidades coletivas e estruturam relações comunitárias (Turner, Abrahams, and Harris 2017).

No entanto, de acordo com Roberto DaMatta (2017), a fase de liminaridade nos ritos de passagem não apenas representa uma transição, mas também evidencia a tensão entre individualidade e coletividade. Para ele, a experiência de estar “fora-do-mundo” durante os ritos envolve um período intenso de isolamento e autonomia, que, em vez de levar ao individualismo típico das sociedades ocidentais, resulta em um retorno à comunidade com um renovado senso de pertencimento e interdependência. Esse processo não só reorganiza a posição do indivíduo dentro da sociedade, mas também reafirma a complementaridade das relações sociais e a perpetuação dos valores comunitários. Assim, os ritos de passagem do *Nixpu Pima* podem ser compreendidos não apenas como marcos biográficos, mas como mecanismos que equilibram identidade individual e integração social, promovendo uma renovação simbólica e fortalecendo laços fundamentais para a coesão do grupo.

O *Nixpu Pima* é mais do que um conjunto de práticas; ele representa um aspecto central da identidade cultural do povo Huni Kuĩ, abrangendo

tradições, valores e conhecimentos transmitidos ao longo de gerações. É uma prática cultural que fortalece os laços familiares e comunitários, reafirma a conexão espiritual com a floresta e proporciona um marco simbólico de transição na vida das crianças.

A escolha do termo prática cultural, em vez de rito de passagem, reflete a preferência da comunidade em destacar o caráter abrangente e integrado das ações realizadas no *Nixpu Pima*. Como demonstram Pâteani Huni Kuin e Tene Huni Kuin (2015) em seu documentário sobre essa prática cultural destaca que o *Nixpu Pima* é um elemento central da cultura Huni Kuĩ, ultrapassando a ideia de um simples rito de transição. Diferentemente da concepção tradicional de rito, frequentemente associada a algo fixo ou exclusivamente religioso (Peirano, 2003), a prática cultural engloba dimensões espirituais, sociais e ecológicas que estruturam a vivência coletiva do povo Huni Kuĩ. Essa abordagem reconhece o *Nixpu Pima* como uma expressão viva de cultura, incorporando espiritualidade, conhecimento prático, convivência e aprendizado intergeracional.

Compreender o *Nixpu Pima* como uma prática cultural é essencial para reconhecer sua importância na preservação da identidade do povo Huni Kuĩ. Além disso, valorizar e documentar essa prática contribui para ampliar o entendimento sobre a diversidade cultural e a riqueza das tradições indígenas no contexto contemporâneo, destacando sua relevância tanto para a comunidade quanto para a humanidade como um todo.

Compreender a prática de passagem dessa comunidade é essencial para se ter um entendimento amplo de como os Huni Kuĩ lidam com mudanças biológicas, sociais e espirituais, além de revelar os significados profundos atribuídos à existência humana em diferentes contextos culturais.

O evento aqui relatado ocorreu no território Alto Purus, na aldeia *Txana Muru*, município de Santa Rosa no Purus. Neste evento, além de ser um momento cultural singular que celebra a cultura Huni Kuĩ, enfatizamos o papel educacional e de documentação da cultura oral do povo. Todos os professores e alunos locais e de outras comunidades convidadas participaram ativamente de um aprendizado *in loco*, com significados culturais fundamentais para o emponderamento individual e a continuação de aspectos culturais vitais para a preservação e vitalização da cultura do povo Huni Kuĩ.

O *Nixpu Pima*: uma prática de passagem dos Huni Kuĩ

O *Nixpu Pima* é um ritual de passagem realizado pelos Huni Kuĩ para marcar o momento em que os jovens passam em transição da infância para a fase adulta. Essa prática envolve elementos complexos, que incluem

muitos eventos diários, isolamento das crianças participantes, rezas, danças, pinturas corporais e o consumo de alimentos específicos. Este evento é momento de aprendizado, em que a jovem recebe ensinamentos sobre seu papel na comunidade, sabedorias tradicionais, e é inserida no universo simbólico da cultura Huni Kuĩ. Ademais, essa prática cultural reforça os laços sociais, pois envolve a participação ativa da família dos participantes e de toda a comunidade.

A descrição do *Nixpu Pima* é de suma relevância, por várias razões:

Valoração cultural: As práticas culturais do *Nixpu Pima* refletem os valores e crenças da comunidade. Documentá-los contribui para os efeitos de revitalização e ponderação da cultura e da língua *Hatxa Kuĩ* para os mais jovens, além de proporcionar a compreensão e o reconhecimento da diversidade cultural humana.

Preservação de saberes tradicionais: Muitas práticas do povo Huni Kuĩ correm o risco de se perder, pela falta de prática e conhecimentos das gerações mais novas. Registros detalhados podem ajudar a manter viva a memória cultural dos Huni Kuĩ para futuras gerações. As tradições orais e rituais são essenciais para a identidade coletiva e a transmissão de conhecimento entre gerações desse povo.

Conscientização: A descrição aprofundada permite uma compreensão melhor do significado, os valores e os processos envolvidos no ritual, destacando a riqueza e complexidade dessa prática na cultura Huni Kuĩ.

Enquanto autores dessa descrição, baseamo-nos na participação ativa e observação do evento. Isso envolveu a imersão no contexto cultural, vivenciando as experiências de forma respeitosa e participativa, enquanto mantínhamos uma postura analítica e reflexiva. Durante o ritual, participamos como observadores, documentando detalhes de maneira ética, com o consentimento da comunidade e respeitando as normas e os valores Huni Kuĩ. Nossa intenção primária não era apenas compreender o significado da prática, mas também contribuir para sua valorização e preservação.

Vale salientar que tivemos legítima participação e profundo conhecimento dessa prática cultural. Apenas um dos autores não é Huni Kuĩ, enquanto dois, além de serem membros da comunidade, possuem um amplo saber cultural dos Huni Kuĩ e foram um dos principais organizadores do evento, o que reforça a legitimidade e a profundidade desta descrição.

***Nixpu Pima*: significado e importância cultural**

O termo *Nixpu Pima* faz referência a uma planta cujo broto produz uma cor preta, usada para pintar os dentes das crianças participantes do

evento. Durante esse evento, todas as crianças que participam têm seus dentes pintados, simbolizando e marcando um novo estágio em seu desenvolvimento biológico e na vida comunitária do povo Huni Kuĩ. Apenas as crianças que já terminaram a troca de dentição podem participar, ou seja, aquelas que perderam todos os dentes de leite.

O *Nixpu Pima* é de extrema relevância para as práticas culturais desse povo, pois, em seu acontecimento, todos os participantes estão celebrando a vida e invocando a proteção dos ancestrais e das forças da natureza para as novas gerações. Durante a prática, acredita-se que as crianças recebem uma proteção espiritual completa, essencial para enfrentar os desafios da vida, tanto no plano cotidiano quanto no espiritual. É como se, ao passar por essa prática, as crianças renovassem a sua “pele espiritual”, assim como o siri, que troca sua casca para crescer, fortalecer-se e adaptar-se aos desafios do ambiente. Esse processo simboliza um momento de transformação e fortalecimento, que prepara as crianças para a vida em todas as suas dimensões.

Esse momento de celebração também é uma oportunidade para transmitir saberes, sorte, saúde, cuidados dentários, força física, habilidades para a caça, inteligência emocional e aprendizado. Esses benefícios são adquiridos e reforçados através da realização da prática e de seus elementos culturais.

Além disso, a prática envolve a produção de comidas e bebidas tradicionais, feitas com milho verde, remédios específicos e a confecção de artefatos, como bancos cerimoniais, cuidados especiais e diferentes atividades, como danças e imitações de animais, produção de cestos, flautas.

As flautas são feitas de ossos de aves ou de taquara/bambu, nos quais são feitos pequenos furinhos na extremidade. O artesão sopra nelas até encontrar um som que vibre como os cantos dos animais ou um som que seja agradável. Já a buzina (feita com o rabo de tatu) é um instrumento de comunicação, usado para avisar sobre a chegada de alguém ou para transmitir qualquer mensagem importante na comunidade. Durante o evento, o cacique utilizava a buzina para acordar todos pela manhã e reunir os participantes na casa de reuniões, chamada *Shubuã*. Além desses elementos, também há o consumo tradicional do veneno do sapo e do mingau de milho, uma bebida feita com milho cozido em mingau, além das pinturas corporais.

Para se ter uma visão geral do que ocorre durante os 15 dias desse evento, descreveremos as atividades principais, focando nas atividades diárias, danças, músicas, pinturas corporais e a simbologia de cada acontecimento.

Atividades diárias da prática *Nixpu Pima*

Durante o período do festival, também denominado Batismo *Nixpu Pima*, a comunidade realiza várias atividades. As atividades são desempenhadas por diferentes membros da comunidade, de acordo com seus papéis tradicionais. No passado, o evento tinha muitos dias de duração, mas, atualmente, acontece em 15 dias.

Durante todo o evento, são distribuídas responsabilidades de trabalho para homens e mulheres. As atividades de responsabilidades das mulheres são:

- Preparação da pintura corporal: preparam as tintas naturais com urucum e jenipapo, usadas na pintura corporal.
- Realização da pintura: são responsáveis pela aplicação da pintura corporal nas crianças e nos outros participantes.
- Colheita e preparo do milho: o evento ocorre apenas na época de colheita do milho. A colheita e o preparo do milho, um dos elementos centrais do festival, são tarefas conduzidas exclusivamente pelas mulheres.
- Cestos para a cerimônia: confeccionam um tipo de cesto chamado *txitxã*, que são usados por elas no evento.

As atividades de responsabilidades masculinas são:

- Pesca: durante o festival, carne de caça não é consumida, mas peixes fazem parte da dieta. Os homens realizam a pesca para garantir os alimentos necessários durante o período do evento.
- Coleta de ervas e madeiras: outra responsabilidade masculina é buscar ervas que serão usadas nas infusões de banhos e para pintura dos dentes, e madeiras na floresta para a confecção dos itens cerimoniais.
- Confecção dos bancos sagrados: nos primeiros dias do festival, um momento marcante é a busca do material para criar os bancos cerimoniais, usados pelas crianças que passam pelo ritual.

Elementos tradicionais da alimentação e cuidados na prática *Nixpu Pima*

O *Nixpu Pima* incorpora uma série de práticas alimentares e medicinais cuidadosamente elaboradas, que possuem significados espirituais, simbólicos e práticos. Esses elementos refletem não apenas os valores culturais, mas também o cuidado com o bem-estar físico e espiritual dos participantes, especialmente das crianças.

Bebidas tradicionais

Durante o *Nixpu Pima*, são preparados mingau de milho verde e pamonhas em abundância, que têm um papel central na alimentação dos participantes. Esses alimentos são consumidos em diferentes momentos da prática e são considerados essenciais para sustentar fisicamente aqueles que participam das longas jornadas de celebração e práticas do evento.

Remédios específicos

O uso de plantas medicinais desempenha um papel fundamental na prática do *Nixpu Pima*. Durante o evento, diversas espécies de plantas são coletadas e utilizadas tanto em infusões quanto em banhos e lavagens faciais destinados às crianças que participarão da prática. Esses remédios têm a função de purificar e preparar espiritualmente os participantes, além de proteger contra possíveis enfermidades ou influências externas negativas.

Comidas específicas

A dieta das crianças que participam do *Nixpu Pima* é rigorosamente controlada desde o início do preparo dessa prática. Após a entoação das músicas que marcam essa etapa, as crianças seguem restrições alimentares que proíbem o consumo de determinadas carnes. Elas são alimentadas exclusivamente com peixes e legumes, seguindo orientações que reforçam a pureza espiritual e física necessária à prática.

Além das restrições alimentares, também são adotadas medidas de proteção física. As crianças não podem se deslocar livremente, para evitar acidentes com insetos ou outros animais. Esse cuidado reflete uma abordagem holística que combina práticas alimentares e comportamentais, integrando a preparação espiritual e física no contexto do *Nixpu Pima*.

O *Nixpu Pima* não é apenas uma prática de transição, mas também um momento de celebração da cultura e dos valores *Hãtxa Kuĩ*. A riqueza simbólica do festival está presente em cada detalhe - desde os artefatos confeccionados, danças, contos até os alimentos preparados. Todos esses elementos compõem essa prática, ilustrando sua profundidade cultural e espiritual.

Confecção dos bancos de samaúma (*Shunu Bema*)

Nos primeiros dias do *Nixpu Pima*, ocorre uma atividade especial, que envolve apenas os homens que têm filhos participando da prática. Eles se dedicam à tarefa de buscar pedaços da raiz - que em *Hãtxa Kuĩ* se chama *Shunu Bema* (Sapopemba) - da árvore Samaúma. Esse material é essencial para confeccionar os bancos que as crianças usarão durante o evento.

Foto 1 – Peixe assado servido aos participantes do evento (Foto: Joaquim Paulo de Lima Kaxinawa, 2024).



Coleta do *Shunu Bema* (Sapopemba)

Cada homem, representando sua família, é responsável por retirar um pedaço da Sapopemba. Esse pedaço precisa ser grande o suficiente para produzir o banco de seu filho ou filha. O processo de extração é realizado com extremo cuidado, garantindo que a Samaúma não seja danificada permanentemente. Essa árvore, considerada sagrada e importante para a comunidade, regenera-se em poucos anos, preservando sua vitalidade tanto ambiental quanto espiritual.

Confeccionando os bancos

Após a coleta do pedaço da *Shunu Bema*, as famílias iniciam o trabalho manual de confeccionar os bancos nos dias seguintes. Cada banco é esculpido com dedicação, seguindo práticas tradicionais transmitidas por gerações. Durante o processo de confecção, todos os cavacos e aparas de madeira gerados são guardados, pois possuem um significado simbólico e são utilizados nas atividades de passar o pó ou cavacos na cabeça do pai da criança que vai participar dessa atividade.

Foto 2 – Mulheres decorando os bancos sagrados com pintura tradicional. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Ao término da construção dos bancos, eles são pintados pelas mulheres, em um momento específico da prática, dedicado exclusivamente a essa atividade. Todas as mulheres com filhos participando do *Nixpu Pima* reservam um momento para realizar a pintura. Elas utilizam a técnica do *Kene* para decorar cada banco. Cada família possui seu próprio *Kene*, que é reproduzido no banco como uma marca única e representativa.

O uso dos cavacos e aparas na prática

Ao final da confecção dos bancos, ocorre uma celebração familiar repleta de música e momentos de descontração, na qual cantam *Mae yuka ika*; uma tradução do significado é: “pedir licença que está chegando nesse local a primeira vez. Assim, quer ficar esses dias sem ter problemas algum”. Assim, o canto exalta bênçãos. Todos também cantam *Tasa kenã meretã hawẽ mashki tiki*, que significa: “com o banco na mão, passa o pó (cavaco, aparas) que ficou do banco é para passar na cabeça”. Durante esse momento, os familiares diretos, principalmente as mulheres, jogam os cavacos e as aparas de madeira na cabeça do homem que confeccionou o banco. Esse ato simbólico representa um desejo de saúde, proteção contra infortúnios e alegria para o artesão e toda a sua família.

Esse momento, além de carregar significado espiritual, é uma ocasião lúdica repleta de alegria e interação. Como forma de brincadeira, as mulheres correm atrás dos homens para jogar cavacos sobre eles, transformando a cerimônia em um momento de união e diversão. Esse dia se encerra com o

momento lúdico e sagrado do *Pakariĩ*, com uma música específica para esse momento.

O canto e a dança: o *Pakariĩ*

Durante o evento, cada dia é encerrado com homens e mulheres divididos em grupos para participar do *Pakariĩ*, um gênero de música tradicional dos Huni Kuĩ.

Ao cantar o *Pakariĩ*, todos invocam os espíritos para abençoar as crianças que participam do *Nixpu Pima*. As letras dos *Pakariĩ* estão relacionadas a características de animais, suas habilidades, descrevendo o jeito de ser de cada animal metaforicamente. Animais como a onça, a cobra e o tatu fazem parte do repertório cantado no evento.

O poder do fogo e suas funções para a comunidade também são invocados em forma de *Pakariĩ*, chamado *Txi ketiwa*, que se refere à força e ao uso do fogo. Durante o *Txi ketiwa*, os homens dançam ao redor do fogo enquanto as mulheres observam, até que elas se juntam à dança nos *Pakariĩ* subsequentes. Esses cantos também simbolizam um chamado ao brilho e às bênçãos das estrelas.

Os *Pakariĩ* são uma parte central do *Nixpu Pima*, acontecendo diariamente ao longo dos 15 dias do evento. Nessas ocasiões, os homens dançam ao redor do fogo, enquanto as mulheres observam. Gradualmente, nos *Pakariĩ* subsequentes, elas também se juntam à dança, criando um momento de união e celebração coletiva.

Os cantos entoados durante os *Pakariĩ* possuem um profundo simbolismo. Eles representam um chamado ao brilho e às bênçãos das estrelas, do sol, conectando a comunidade aos elementos espirituais e às energias do universo, além de invocar as habilidades de cada animal mencionado, conectando todos a natureza.

O significado e a conexão com a natureza estão representados em cada música *Pakariĩ*, pois é cuidadosamente composta para expressar, de maneira metafórica, a relação do povo Huni Kuĩ com a caça, suas habilidades e a harmonia com a natureza. Cada animal mencionado nos cantos representa qualidades e competências que as crianças precisam desenvolver para se tornarem adultos completos, tanto no mundo físico quanto no espiritual.

Essas habilidades incluem:

- Astúcia e força: representadas por animais como a onça e o tatu.
- Equilíbrio e precisão: simbolizadas por aves como a saracura, o gavião e o japó.
- Resistência e coragem: vinculadas a répteis como a cobra.

Os *Pakarĩ* transmitem ensinamentos e valores essenciais para que as crianças aprendam durante o processo de transição. Esses conhecimentos são necessários em sua fase adulta, permitindo que vivam em harmonia com a floresta e incorporem os saberes necessários para sua sobrevivência e crescimento espiritual

Foto 3 – Celebração comunitária na dança do *Pakarĩ* (Foto: Vera da S. Sinha, 2024).



A brincadeira da *taku* (saracura) e as representações simbólicas

Um dos elementos importantes que ocorrem durante o evento são as brincadeiras e as representações simbólicas, que refletem aspectos da vida e da cultura do povo Huni Kuĩ. Essas atividades lúdicas carregam significados profundos, conectando a comunidade com a natureza e os saberes tradicionais.

Entre essas brincadeiras, destaca-se a brincadeira da *taku* (saracura), que simboliza a interação entre caçadores e presas, enquanto promove um momento de descontração e aprendizado. As mulheres colhem milho para a refeição e separam três espigas com talos longos, que representam as pernas e o bico da *taku* (saracura), um pássaro típico da floresta local. A encenação acontece da seguinte forma. As mulheres representando a saracura ficam em oposição aos homens. Elas assumem o papel de defesa, atacando os caçadores com bicadas simuladas. De oposição às mulheres, os homens, em filas, representam os caçadores, armados com flechas feitas de talos de *xila*. Eles tentam “caçar” simbolicamente as saracuras, atirando as flechas na direção dos pés da saracura.

A dinâmica dessa brincadeira é regida por regras que permitem ataques apenas entre parentes por casamento, como cunhados e sobrinhos.

Essa limitação mantém a brincadeira divertida, respeitosa e segura, enquanto reforça os laços entre diferentes grupos familiares. Todos os participantes interagem de forma lúdica e a participação dos homens e mulheres cria um ambiente dinâmico e simbólico, onde ambos os grupos representam papéis fundamentais na relação com a natureza e a vida comunitária.

Embora descontraída e divertida, a brincadeira da saracura carrega significados profundos, tais como:

- Simbolismo da caça: ensina às crianças sobre a interação entre caçadores e presas, bem como o respeito pela natureza e suas regras.
- Fortalecimento de laços: a interação entre homens e mulheres, em papéis opostos, promove a cooperação, o respeito e a harmonia comunitária.
- Educação cultural: transmite valores e conhecimentos essenciais sobre os animais da floresta e a relação do povo Huni Kuĩ com o ambiente em que vivem.

A brincadeira da saracura, como outras práticas do evento, conecta os participantes com o mundo físico e espiritual, enquanto celebra a união e a identidade cultural do povo.

Pintura, saltos e brocar

Após a brincadeira da saracura, as mulheres pintam as crianças e os parentes com jenipapo e urucum, marcando mais um momento significativo da prática.

O dia termina com o *Pakariĩ*, quando os homens pulam e dançam, imitando os saltos dos animais da floresta. Esse dançar e pular simboliza a força necessária para enfrentar a vida e a conexão com a energia vital da natureza. Cada *Pakariĩ* tem danças específicas; além de dançar em roda, há também o caminhar ao redor de casa, caminhar batendo nas árvores e objetos da casa. Este último ocorre quando participantes simulam o brocar do roçado.

Além de pular, correr, dançar e cantar, o evento também inclui a simulação de atividades essenciais para a sobrevivência da comunidade. Entre essas práticas está a preparação da terra para o plantio, uma habilidade fundamental que todos os adultos precisam dominar. Durante o evento, todos participam da atividade chamada “brocar”, que simboliza esse trabalho crucial. Este é um empréstimo linguístico do português falado na região; “brocar” significa limpar a floresta e criar caminhos para o cultivo de roça com corte e queima.

No dia da atividade, as mulheres participam caminhando e correndo com cestos na cabeça, representando a colheita. Elas se juntam aos homens, que carregam pedaços de pau simbolizando as ferramentas utilizadas para limpar e abrir caminhos na floresta, preparando o espaço para a roça.

Foto 4 – Homens organizando-se para a prática da broca do roçado. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Essa representação é de grande importância, pois simboliza a transição dos participantes para a vida adulta. Após o término do *Nixpu Pima*, os jovens que participaram do ritual deixam de ser considerados crianças e assumem novas responsabilidades na comunidade, como a prática de brocar. Esse momento reflete não apenas a preservação das práticas culturais, mas também o aprendizado necessário para a continuidade da vida em harmonia com a floresta.

Foto 5 – Aplicação da pintura tradicional. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Foto 6 – Aplicação da pintura tradicional. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Foto 7 – Aplicação da pintura tradicional. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



A vigília na rede: a prática do balançar

Após as atividades de confecção dos bancos, saltos, danças e brocar, inicia-se outro momento significativo do *Nixpu Pima*. Durante a noite, todas as crianças são acomodadas em suas redes, dentro da casa cultural (*Shubuã*), acompanhadas por suas mães ou avós. Estas permanecem em

vigília, cantando a noite inteira e balançando suavemente as redes, enquanto entoam canções rituais. Esse ritual noturno, denominado *Kawa*, busca assegurar às crianças um bom destino.

O termo *Kawa*, que significa “assar em folhas de banana”, remete ao preparo de partes dos animais, mas também possui um valor simbólico. O ritmo associado a essa prática organiza o canto e reforça seu propósito espiritual. As canções narram, de forma metafórica, as habilidades únicas dos animais e peixes, detalhando o preparo de suas carnes e vísceras. Por meio dessas músicas, os espíritos dos animais são invocados, para que as crianças herdem suas características e habilidades, fortalecendo a conexão com a natureza e os ensinamentos necessários para a vida adulta.

Enquanto as mães balançam as redes e continuam cantando, as músicas mencionam o preparo de alimentos tradicionais do povo Huni Kuĩ, incluindo os diferentes animais da floresta. Esse processo prossegue até o amanhecer, em um ambiente de cuidado e serenidade, onde a comunidade atua coletivamente na formação espiritual e social das crianças.

Durante a vigília, as crianças permanecem imóveis em suas redes, protegidas por mosquiteiros contra picadas de insetos. Movimentar-se não é permitido, exceto para atender a necessidades fisiológicas, momento em que são acompanhadas por suas mães, que mantêm suas cabeças cobertas por um cobertor, reforçando o simbolismo de proteção.

Enquanto isso, parte dos homens permanece ao redor do *Shubuã* para apoiar as mães, enquanto outros descansam. Jovens adultos se reúnem ao redor da fogueira, cantando e tocando instrumentos tradicionais, como o *Katxa forro*, acompanhados por lideranças que promovem a continuidade do canto e da música ao longo da noite.

Foto 8 – Arranjo das redes na prática do balançar (Foto: Vera da S. Sinha, 2024).



O banho de purificação

Após a noite da prática do balançar, acontece a prática de purificação das crianças. O banho é preparado durante a noite, utilizando infusões de ervas especialmente selecionadas para o momento, mantidas em alta temperatura até o momento do uso. De acordo com a tradição, as famílias convidam indivíduos de destaque na comunidade para realizar a prática. Esses convidados são pessoas consideradas sábias, dotadas de habilidades especiais e de elevado *status* social, como professores, caciques, pajés, historiadores e cantadores.

O ritual ocorre pela manhã. As crianças recebem o banho sentadas em seus respectivos bancos sagrados. O indivíduo escolhido para conduzir o banho de purificação é chamado nominalmente. Este, de frente para a criança, com um recipiente com infusão herbal, recita palavras de bênção e boa sorte enquanto derrama a mistura sobre a cabeça da criança. Durante a prática, todos desejam sabedoria, saúde e prosperidade, que esses atributos acompanhem essa criança ao longo de sua vida. Esse processo é conduzido com extrema atenção e cuidado e leva várias horas, pois cada criança recebe individualmente a prática de purificação.

No contexto do *Nixpu Pima*, o banho com ervas desempenha um papel espiritual essencial. Essa prática visa conectar as crianças ao espírito das plantas e da floresta, proporcionando-lhes proteção contra influências negativas ou espíritos malignos que possam estar ao seu redor. O banho é entendido como uma purificação espiritual que assegura que nada de mal aconteça às crianças ao longo de suas vidas, fortalecendo sua ligação com os elementos naturais e garantindo sua segurança tanto no plano físico quanto no espiritual.

Foto 9 – Preparação do banho de ervas para a purificação. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



A simulação do tatu

Com a conclusão do banho de purificação, todas as crianças são deitadas juntas no chão. Assim se inicia a simulação do tatu, uma atividade profundamente simbólica para a comunidade. O ritual busca reforçar habilidades essenciais associadas ao tatu e a outros animais escavadores, como engenhosidade, resiliência e adaptabilidade, consideradas fundamentais para o desenvolvimento das crianças.

Durante a simulação, os participantes cantam músicas sobre as habilidades do tatu e, enquanto cantam, liberam fumaça dentro do espaço coberto, simbolizando a toca do tatu. Cada criança, ainda com o cobertor cobrindo sua cabeça, precisa saltar para fora da área coberta, correr e buscar refúgio junto a sua família. Esse ato simbólico representa a capacidade de enfrentar desafios com coragem e determinação.

A simbologia presente nesse ritual reforça a ideia de que as crianças, após o processo de purificação e a vivência do ritual, adquirem a força necessária para lidar com os desafios de suas vidas. Assim, essa prática não apenas celebra a transição das crianças para a vida comunitária, mas também assegura que elas integrem valores e habilidades essenciais para sua sobrevivência, além do crescimento espiritual.

Nixpu Pima: a pintura dos dentes

Após a simulação do tatu, inicia-se a prática de aplicação do *Nixpu Pima*, coletado previamente pelos pais das crianças. O *Nixpu Pima* é composto por brotos de uma planta especial, utilizada para tingir os dentes das crianças como parte do processo dessa prática.

Para a aplicação do *Nixpu Pima*, as pessoas escolhidas são novamente convocadas. Cada uma delas recebe um galho da planta utilizada na prática, com a tarefa de aplicar o *Nixpu* nos dentes das crianças. O galho é esfregado vigorosamente, até que se quebre e libere sua cor preta, tingindo completamente os dentes.

Quando os dentes estão totalmente escurecidos, cada criança - ainda com um cobertor cobrindo sua cabeça - é conduzida de volta à sua casa e acomodada em sua rede. Nesse momento, tem início um período de quatro dias de reclusão. Durante esse tempo, as crianças permanecem em suas redes, saindo apenas para atender necessidades fisiológicas e sempre acompanhadas por suas mães.

Durante a reclusão, a dieta das crianças é estritamente limitada à mingau de milho (uma bebida tradicional) e a tipos específicos de peixes especiais, reforçando o propósito purificador da prática. As crianças não podem ser vistas ou deixar suas redes até o ritual final, que marca o fim da reclusão.

Foto 10 – Encenação ritual da fuga do tatu. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Esse período não apenas molda simbolicamente o destino das crianças, mas também as protege de interações com o ambiente externo, como observar o movimento de folhas ou plantas, algo que, segundo as crenças, poderia torná-las suscetíveis a ataques de insetos ou a doenças transmitidas por animais. Durante a reclusão, as crianças são comparadas a um siri em muda: seu corpo “amolece”, mas, ao término, um “novo casco” simboliza seu fortalecimento físico e espiritual. Essa transformação as prepara para ingressar na vida adulta com coragem, astúcia e força, características atribuídas ao siri e a outros animais da floresta.

Foto 11 – Atividade da pintura dos dentes com Nixpu Pima. (Foto: Joaquim Paulo de Lima Kaxinawa, 2024).



Foto 12 – Atividade de pular durante o evento (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Foto 13 – Registro da comunidade durante o *Nixpu Pima*. (Foto: Vera da Silva Sinha, 2024).



Purificação com secreção do sapo *Kāpũ*

Após o período de reclusão, tem início o ritual de purificação final, que conclui o processo do *Nixpu Pima*. Essa etapa envolve a aplicação da secreção do sapo *Kāpũ*, considerada uma “vacina” natural, para expelir o excesso de líquido consumido durante o ritual de escurecimento dos dentes.

Ao amanhecer, no último dia de reclusão, as crianças são acordadas e alimentadas com uma grande quantidade de mingau de milho, para encher o estômago. Em seguida, ocorre o ritual de aplicação da secreção do sapo. A pele do braço da criança é ligeiramente queimada com um palito ou cordão e nesse local é aplicada a secreção. Em poucos segundos, a substância induz náuseas, fazendo com que as crianças vomitem e expulsem todo o conteúdo do estômago, concluindo o processo de purificação.

Infusão de fumaça com penas de pássaros

Após a prática do vômito, os pés de cada criança são defumados com fumaça infundida com penas de pássaros/aves. Esse processo é considerado uma forma de proteção contra animais venenosos e insetos que picam.

Lavagem com água de caracol

Em seguida, as crianças passam por mais uma etapa de limpeza: seus pés são lavados com uma infusão especial, feita de caracóis. Essa prática

visa protegê-las contra criaturas aquáticas, como arraias e cobras d'água, garantindo sua segurança em futuros encontros com rios e córregos.

Primeira refeição

Por fim, após todos as práticas de purificação, as crianças participam de sua primeira refeição como novos adultos. Essa refeição consiste em uma **sopa sagrada de peixe**, preparada e servida pelos anciãos que guiaram a prática do *Nixpu Pima*.

Durante a refeição, os anciãos cantam *Pakarĩ*, invocando os espíritos para conceder proteção às crianças ao longo de suas vidas. Esse momento marca a transição definitiva da infância para a adolescência, celebrando o crescimento físico, espiritual e cultural dos jovens no contexto comunitário.

Conclusão

O *Nixpu Pima* é uma prática cultural profundamente significativa para o povo Huni Kuĩ, representando uma transição espiritual, cultural e social das crianças para a vida adulta. Cada etapa dessa prática -desde a coleta de materiais, como o *Shunu Bema*, até a confecção dos bancos, a pintura dos dentes, os períodos de reclusão e as práticas de purificação -reflete a integração entre o físico, o espiritual e o comunitário.

Os *Pakarĩ* e o *Kawa*, elementos centrais do ritual, não apenas estruturam as práticas espirituais, mas também evocam as habilidades dos animais e sua relação com os participantes. Por meio das canções, o povo Huni Kuĩ transmite a astúcia da onça, a determinação do tatu, a precisão do gavião e a paciência da cobra, entre outras características essenciais para a sobrevivência e o crescimento. Essas habilidades são integradas ao ritual como atributos que as crianças devem incorporar para se tornarem adultos equilibrados e capazes de enfrentar os desafios da vida em harmonia com a floresta.

A Samaúma, reverenciada como uma árvore sagrada, também desempenha um papel simbólico crucial na prática. Ela representa força, proteção e conexão espiritual, refletindo o enraizamento necessário para que as crianças cresçam fortalecidas tanto física quanto espiritualmente. A utilização de seus elementos, como as raízes do *Shunu Bema*, reforça o vínculo, enraizado entre os participantes e o universo natural, demonstrando o respeito e a interdependência entre o povo Huni Kuĩ e a floresta.

Além de sua simbologia, o *Nixpu Pima* reforça os laços familiares e comunitários. A participação ativa de mães, pais, avós, jovens e anciãos em diferentes momentos da prática mostra que a transição de uma criança para

a vida adulta não é apenas uma mudança individual, mas um fortalecimento do tecido social e cultural da comunidade. Esse processo coletivo reflete a transmissão de saberes ancestrais, práticas culturais e valores éticos que sustentam a identidade do povo Huni Kuĩ. É um momento de renovação espiritual, simbolizado pela metáfora do siri, que troca sua casca para crescer e se fortalecer. Assim, o *Nixpu Pima* prepara as crianças não apenas para enfrentar os desafios da vida, mas também para assumir responsabilidades enquanto membros ativos e conscientes de sua comunidade. Ao final do processo, as crianças emergem transformadas, prontas para assumir seu papel na comunidade como adultos habilidosos, conectados à terra, à floresta e aos valores ancestrais.

A prática do *Nixpu Pima* não é apenas uma celebração da vida, mas também um ato de preservação e continuidade cultural, em que os ensinamentos dos animais e a força espiritual da Samaúma garantem a harmonia entre o físico e o metafísico. Assim, o *Nixpu Pima* fortalece a identidade do povo Huni Kuĩ e sua resiliência diante dos desafios contemporâneos que vivenciam.

No contexto contemporâneo, o *Nixpu Pima* também se apresenta como um poderoso símbolo de resiliência e resistência cultural. Ele demonstra como as práticas tradicionais dos povos originários são fundamentais para preservar a diversidade cultural e garantir a continuidade de conhecimentos únicos e vitais, tanto para as comunidades indígenas quanto para o enriquecimento da humanidade.

Por meio do *Nixpu Pima*, o povo Huni Kuĩ reafirma sua identidade e assegura que sua cultura, rica em ensinamentos e em harmonia com o mundo natural, continue viva. Essa prática cultural não apenas conecta as gerações do passado, presente e futuro, mas também inspira uma reflexão sobre a importância de respeitar e valorizar os modos de vida tradicionais em um mundo em constante transformação.

No caso da comunidade Txana Muru, onde esta prática foi documentada, a continuidade do *Nixpu Pima* enfrenta desafios concretos ligados à logística e ao apoio institucional. A realização do evento depende de recursos para transporte e deslocamento de equipes responsáveis pela coleta de materiais na floresta, bem como para o deslocamento de membros de outras comunidades convidadas a participar. A ausência de apoio financeiro dificulta a organização e, por vezes, limita a escala e o alcance das atividades. Além disso, a escola local enfrenta há mais de quatro anos a falta de apoio para implementar uma educação escolar diferenciada, que integre de forma efetiva os saberes culturais e linguísticos do povo Huni Kuĩ ao currículo formal. A ausência de materiais didáticos e investimentos impede o desenvolvimento de um trabalho contínuo e aprofundado sobre a cultura

local, comprometendo a transmissão intergeracional dos conhecimentos. Diante desse cenário, o *Nixpu Pima* não apenas representa um marco de identidade e pertencimento, mas também se afirma como um ato de resistência e renovação cultural frente às adversidades contemporâneas.

Agradecimentos

Agradecemos pelo suporte financeiro dos projetos MSCA 101018881 e British Academy PF21/210035. Somos gratos a todos os membros da comunidade Txana Muru, que nos receberam com carinho e confiança, compartilhando conosco valiosos ensinamentos sobre os aspectos linguísticos e culturais do Nixpu Pima. Também expressamos nossa sincera gratidão aos professores Wany Sampaio e Chris Sinha, por sua orientação e supervisão ao longo deste trabalho.

Referências

- DaMatta, Roberto. 2017. Individuality and liminality: some considerations concerning rites of passage and modernity. *Vibrant: Virtual Brazilian Anthropology* 14 (1): e141149.
- Kaxinawa. Joaquim Paulo de Lima. 2014. *Para uma gramática da língua Hãtxa Kuĩ*. Tese de Doutorado, Universidade de Brasília.
- Pâteani Huni Kuin, dir., and Tene Huni Kuin, researcher. 2015. *Nixpu Pima – Rito de Passagem Huni Kuin*. Documentário. Centro de Pesquisa Indígena do Acre (CPI-ACRE). Disponível em: <https://cpiacre.org.br/publicacao-acervo/nixpu-pima-rito-de-passagem-huni-kuin> e <https://www.youtube.com/watch?v=5jnnO1kEuDg>.
- Peirano, Mariza. 2003. *Rituais Ontem e Hoje*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Turner, Victor, Roger D. Abrahams, and Alfred Harris. 2017. *The Ritual Process: Structure and Anti-Structure*. New York: Routledge.